

COOPERAÇÃO BRASIL-MOÇAMBIQUE: UMA HISTÓRIA DE CINEMA – ENTREVISTA COM CHICO CARNEIRO*

Elsa Sousa Kraychete (UFBA)**

Resumo

Chico Carneiro, cineasta brasileiro, nascido no Pará, vive em Moçambique há 32 anos. Com uma câmara na mão já percorreu o país de Norte a Sul, Leste a Oeste captando imagens, dando eco a histórias de vida e luta de moçambicanos que reivindicam direitos. Nesta entrevista, além da trajetória do cineasta, vem à tona a centralidade que o cinema, desde a independência do país, tem na educação da população. É por meio do cinema que aspectos da história recente de Moçambique vão sendo revelados nesta entrevista.

Elsa Sousa Kraychete: Você é brasileiro e vive aqui há bastante tempo, como foi essa travessia?

Chico Carneiro: Depois da independência, o governo de Moçambique criou o Instituto Nacional de Cinema. O Samora Machel apostou fortemente na utilização da imagem para a criação do homem novo, para a divulgação das conquistas da independência. Na época, o cinema era feito em película, que dependia de uma grande infraestrutura.

A película implicava ter um laboratório para revelar o filme negativo. Depois de revelado, fazia-se cópia, obtendo um positivo, chamado de copião. Só depois de editado o filme nessa cópia de trabalho, incluindo o som, montava-se o negativo, a partir da cópia de trabalho, e, depois, faziam-se as cópias que eram exibidas no país, pelos cinemas. É um processo... fazer cinema em película precisava de infraestrutura que era cara.

O Rui Guerra, que é moçambicano de nascença, mas saiu daqui muito jovem, com 20 anos, foi estudar cinema em Paris e, depois, foi para Brasil e construiu a sua carreira como diretor de cinema no Brasil. Ainda está vivo, ainda bem, é um homem de esquerda e que sempre procurou promover a igualdade, a que todos procuramos, pelo menos eu também procuro.

Elsa: Continuamos na busca...

^{*} Depoimento concedido a Elsa Sousa Kraychete, em 27 de novembro de 2015, durante realização de trabalho de campo em Maputo para execução do projeto *O Brasil na cooperação Sul-Sul: a América do Sul, África e BRICS* (FAPESB/CNPQ - 009/2014).

^{**} Professora do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos/UFBA, atua no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais e no Núcleo de Pós-graduação em Administração.

Chico: Então, Rui Guerra, que já era um nome famoso no Brasil, veio para cá, na condição de moçambicano e na condição de acreditar no processo revolucionário, para assessorar o Ministro da Informação, nas políticas que iriam conduzir o Instituto Nacional de Cinema. Não foi só ele, também vieram outros, por aqui andou e passou muita gente importante, gente famosa, que também veio vender o seu peixe. Um grande cineasta francês, o Jean Luc Godard, e o Jean Rouch (o pai do cinema antropológico) também estiveram aqui.

Foi um laboratório bem interessante para muita gente. Foi criada uma empresa privada que tinha três sócios: o Rui Guerra, o Estado moçambicano - via uma empresa chamada Socimo que era uma empresa que o Estado tinha para atuar no comércio externo - e o Instituto Nacional do Cinema, que era e continua sendo o órgão que tutelava quem quisesse trabalhar com a imagem aqui em Moçambique, subordinado ao Ministério da Informação, na altura. Foi, então, criada essa empresa, chamada Kanemo, que, para simplificar, era uma empresa privada num país socialista! Este era o conceito da empresa. Uma empresa que tinha que ter lucro. Fazer filme para ter lucro, vender filmes para fora do país e possibilitar coproduções com outros países. Então, eu vim contratado para trabalhar nessa empresa.

Elsa: E, como você entrou em contato, a partir do Brasil, com o pessoal que fazia cinema aqui?

Chico: Quem me contratou foi o diretor da empresa, que era um dos técnicos que tinha vindo colaborar com o Instituto de Cinema, chamado Labi Mendonça. Ele me contratou, mas a gente não se conhecia. Ele conhecia outra pessoa, também cineasta e amigo comum, e, por esse intermédio, ele perguntou se eu não poderia vir. Eu estava interessado e vim parar aqui.

Elsa: Você continua nesta empresa?

Chico: Não, eu saí da empresa. Depois de alguns anos, cinco se não me falha a memória, e, com a substituição do Labi por um diretor moçambicano, o meu contrato não foi mais renovado. Posteriormente, a empresa acabou falindo.

Eu fiquei aqui, outros amigos brasileiros, colegas que trabalharam na empresa retornaram pro Brasil e eu fiquei, me associei com amigos moçambicanos e montamos outra empresa produtora de filmes. Até 2012, fiquei nessa nova empresa, depois, me separei, criei outra empresa só minha.

Elsa: qual é o nome da empresa anterior e da atual?

Chico: A anterior era Promarte e a atual chama-se Argus. Fazer cinema aqui, em Moçambique, é um eterno exercício. Costumo dizer: eu estou sempre desempregado.

Elsa: Um eterno recomeço...

Chico: Eu não tenho medo do desemprego, porque estou sempre desempregado, ou seja, você tem que estar sempre correndo atrás para consequir dinheiro para fazer novos filmes. Não existe um mercado de cinema aqui, que você faz um filme e o filme se paga. Mesmo o Brasil não tem esse mercado, ou tem muito pouco. Aqui, nem pensar, o que existe aqui são filmes de encomenda, que ONGs fazem, empresas privadas fazem, muito pouco, mas fazem, embaixadas fazem, entidades de cooperação externa fazem... Essas são as fontes de financiamento. E, cada vez mais tem mais gente participando do projeto de fazer cinema, ou seja, o bolo não aumenta, mas aumenta o número de pessoas que disputam as mesmas fontes de financiamento. Ao mesmo tempo, o país mudou o seu perfil, deixou de ser um país socialista para ser um país de economia de mercado, com todas as mazelas e politiquices que traz no seu bojo, inclusive a famosa, velha e não boa corrupção. Moçambique está igualzinho ao Brasil, até pior, porque é muito mais novo e aprendeu muito mais rápido.

Elsa: Situação difícil...

Chico: Muito bem, a gente vai correndo atrás de fazer filmes e, também, fazer projetos para captar recursos... enfim, se vira nos 30 como a gente fala lá no Brasil. E eu venho me virando nesses 32 anos que estou por aqui.

Elsa: Você se imaginou fazendo filmes na África ou foram as circunstâncias que lhe trouxeram para cá?

Chico: O que eu sempre quis foi filmar na Amazônia, de onde eu sou. O meu objetivo de vida, enquanto cineasta, era fazer filme na Amazônia e, para fazer filme na Amazônia, eu vim parar em África.

Elsa: Mundo, mundo, vasto mundo, como diz o poeta...

Chico: Exatamente! Mas, isso por quê? Porque eu sabia que o processo de aprender a fazer cinema pra quem vivia no interior do estado do Pará nas décadas de 60, 70, 80... era complicado e demorado: primeiro, eu vou aprender a fazer cinema no sul do país e, depois, eu volto para fazer meus filmes na Amazônia. Em 2001, eu fiz 50 anos e pensei: êpa! e o meu objetivo? Era hora de pensar seriamente na decisão de fazer meus filmes amazônidas! Eu já tinha feito um filme (na Amazônia) antes de migrar para Moçambique, quando eu digo um filme estou falando de um filme mais sério, mais profissional, porque, antes, eu tinha feito pequenas bobagens para apreender a fazer.

Elsa: E como foi o seu aprendizado?

Chico: Eu nunca fui à escola de cinema. Meu pai me deu a primeira câmera e eu ia filmando aniversário do irmão, aquela bobagem que a gente faz... Bobagem, não!

Elsa: Você ganhou uma câmara para filmar, não era, na época, um presente muito comum...

Chico: Não, não era; na verdade, a primeira câmera – uma Paillard Bolex 8 mm – não foi exatamente um presente para mim, mas uma câmera que o papai comprou pra uso geral da família, só que eu me apossei da câmera, uma vez que eu era (de 10 irmãos) o mais entusiasta em querer ser cineasta... mais tarde, meu pai – que foi meu primeiro produtor - deu-me de presente uma câmera mais profissional, uma Paillard Bolex 16mm. Essa sim, um presentaço!

Meu pai era exibidor de cinema em Castanhal, interior do Pará, onde nasci. Em seu cinema forjei parte da minha cultura cinematográfica e, com ele, não só aprendi os rudimentos da fotografia a preto e branco como tive todo o incentivo pra fazer aquilo que eu queria fazer: filmes!

Em 1974, a equipe do antológico filme "Iracema – Uma Transa Amazônica" chegou ao Pará para fazer as filmagens e precisava de um assistente de câmera local: ingressei na equipe e foi o meu primeiro trabalho profissional, sendo esse filme um importante paradigma do tipo de cinema que me interessava fazer, e um trampolim pra que eu pudesse ir pro sul (São Paulo), pra trabalhar na indústria de cinema e aprender a fazer filmes.

Elsa: Você começou fazendo registros...

Chico: Comecei fazendo registros de aniversários, desfiles do 7 de Setembro... e também inventava histórias, pequenas historinhas e filmava essas histórias. Os irmãos, os amigos, as namoradas foram os primeiros atores. Mas, obviamente, sem saber nada de cinema, mas sempre aprendendo. É assim que a gente aprende: fazendo, foi assim que eu aprendi.

Elsa: E o que você pensou quando fez 50 anos?

Chico: quando fiz 50 anos, eu decidi: vou voltar para o Brasil para fazer filme na Amazônia, senão não, não vou conseguir realizar o meu objetivo. Nessa altura já tinham surgido as câmeras digitais. Eu sou do tempo da película; depois, entrou o vídeo cassete, mas o vídeo, quando começou, ainda era uma coisa enorme, trabalhosa, complicada. Depois, o vídeo foi se aperfeiçoando, deixou de ser analógico, que tinha uma fita, que era preciso ter um gravador, que era preciso ter uma pessoa para transportar o gravador de tão grande que era. A máquina de gravar, ou de filmar, também era grande. Depois, foi tudo compactando até chegar no sistema digital e formato pequeno que é hoje. Quando eu comecei a filmar, o rolo de filme 8mm durava dois minutos e era em preto e branco. Com os equipamentos mais simplificados de hoje, podendo filmar a cores, e com som, pensei: é o momento de eu começar a fazer aquilo que eu queria fazer no Brasil, os meus filmes pessoais. Então, eu comecei, a partir de 2001, e me lembro bem do primeiro filme que eu fiz quando voltei a fazer filmes lá no Brasil, lá na Amazônia, que foi OS PROMESSEIROS, que tem a ver com o Círio de Nazaré. Quando eu ia começar a fazer esse filme, houve o ataque às torres gêmeas em Nova lorque.

Elsa: Olha só, história de Nazaré! É um filme religioso?

Chico: O filme não é nada religioso, é apenas a história de três homens que fazem uma viagem de canoa, por vários rios da região, para ir pagar uma promessa no Círio de Nazaré. O filme é essa viagem. A viagem, na verdade, é o fio condutor para mostrar os problemas da região, a miséria, a pobreza, a falta de perspectiva da população ribeirinha. A crença religiosa como uma forma de determinismo: Deus quis assim, então, eu vou ficar assim. Para mim, a religião é um grande problema, não sou religioso, mas sei que a religião tem esse lado perigoso, que é usado contra as pessoas, que leva à passividade. Eu fiz esse primeiro filme e, com ele, abriu-se para mim uma possibilidade, o caminho para recomeçar a fazer meus filmes na Amazônia. Esse foi o caminho. Retomei o meu objetivo de fazer filme na Amazônia e, assim, aos poucos, eu estou fazendo os filmes que me interessam fazer lá.

Elsa: Agora, você faz filmes aqui, em Moçambique, e lá, na Amazônia?

Chico: Sim. Este aqui é sobre o chorinho, sobre músicos lá de Belém que tocam chorinho em um bar de periferia da cidade, que é a Casa do Gilson, um dos chorões e também participante do filme.

Elsa: Quantos filmes você já fez na Amazônia?

Chico: Até este momento já fiz oito filmes lá. E pretendo fazer muito mais porque isso, para mim, de certa forma, atende àquele meu objetivo de vida que era fazer filmes na Amazônia. São filmes inteiramente produzidos por mim. Neste momento, é como funciona o meu *modus operandis*, que me permite fazer meus filmes na Amazônia; aqui, em Mocambique, é a minha base, onde estou estruturado comercialmente. Lá, é onde faço os documentários que quero fazer. Filmes totalmente autorais.

Como eu não tenho tempo de procurar apoio financeiro no Brasil, quando vou lá, eu levo a câmera daqui e faço o filme. Filmo lá e edito aqui. Eu aprendi muito fazendo esses filmes, aprendi a conhecer mais ainda o meu estado (Pará), porque eu também delimitei duas coisas: primeiro, o espaço geográfico dos meus filmes é a Amazônia paraense e, segundo, são documentários que não têm roteiros, a estética deles é não ter roteiro.

Também comecei a fazer uma série que eu chamei de "Barcos da Amazônia", cada filme é uma viagem de barco, um tipo de barco. Então, a viagem desse barco é o ponto de partida e o fio condutor do próprio documentário, que vai se alimentando do que acontece na viagem, dos depoimentos dos tripulantes e ou passageiros dos barcos, e do que acontece no entorno dela.

Este aqui (Seu Didico: Paraense Velho Macho!) é um barco que transporta madeira; este (No Caminhos do Rei Salomão) é um barco que transporta pessoas. Eu chego lá no porto e pergunto assim "posso viajar contigo?" Se pode, eu vou embora, se a viagem dura um mês, eu fico um mês no barco

filmando, documentando. Filmo bastante, depois volto para cá e faço a edição do filme. Quando retorno ao Brasil para fazer o próximo filme, uns amigos meus fazem a música do filme anterior (que levo pré-editado), e, no retorno pra Moçambique, finalizo a edição do filme anterior, adicionando as músicas, e inicio a edição do novo filme que fui filmar. E assim vou. Essa parte da minha cinematografia lá não para.

Elsa: E aqui, em Moçambique?

Chico: Aqui, em Moçambique, eu trabalho basicamente com documentários, embora já tenha feito ficção. O mercado para fazer ficção é incipiente, mas eu gosto muito de fazer documentários, me aproxima muito da realidade. Ficção também é legal de fazer, mas é uma coisa mais manipulada, e exige uma equipe maior...

Este filme (PRÁTICAS TRADICIONAIS E A TRANSMISSÃO DO HIV-SIDA) é sobre a atividade dos curandeiros, ou médicos tradicionais, e os cuidados a ter para diminuir a transmissão de doenças, sobretudo o HIV-SIDA. Foi feito com versões para três línguas locais, além do português. É muito forte a presença de curandeiros aqui, em Moçambique.

Elsa: É um tema importante para a realidade moçambicana, não é?

Chico: Aqui tem um médico para cada 35 mil habitantes, uma coisa assim, um enfermeiro para cada 10 mil habitantes e um curandeiro para cada 5 mil habitantes.

Elsa: É mais fácil consultar um curandeiro que um médico?

Chico: Muito mais fácil. Sobretudo nas zonas rurais, onde o acesso a hospitais ou postos de saúde é, por vezes, muito difícil. O que fez o Ministério da Saúde? Utiliza essa grande malha natural disseminada por todo o país para, através da Ametramo (Associação dos Médicos Tradicionais de Moçambique) disseminar formas de passar suas mensagens sobre cuidados primários de saúde, sobretudo nas questões mais complexas, como, por exemplo, o HIV-SIDA.

Então, sem confrontar a crença tradicional, pelo contrário, são introduzidas pequenas mudanças de proteção tanto dos pacientes como dos curandeiros, de forma que o contato com o sanque seja minimizado, que seja minimizada a possibilidade de contaminação por causa das práticas tradicionais de tratamento dos pacientes.

Por exemplo – e isso está no filme – em algumas consultas tradicionais ou mesmo na formatura de curandeiros (tive a oportunidade de documentar uma dessas formaturas, fiquei 3 dias convivendo/participando de uma dessas formaturas), utilizam-se as lâminas (giletes) para fazer pequenas escarificações nos ombros, nos braços, nas costas e até na língua dos pacientes! Faz parte do ritual. Então, sem quebrar a tradição, sem interferir no ritual, o Ministério da Saúde introduziu (fez com que os curandeiros, os médicos tradicionais, percebessem a importância) do uso de uma lâmina por paciente; de descartar essa lâmina corretamente e, ainda, de que os curandeiros usem, na medida do possível, luvas descartáveis ao tratar de cada paciente, quando esse tratamento implica o uso de cortes na pele. Esse é um filme que fiz para o Ministério da Saúde.

Elsa: seus filmes têm sempre um sentido pedagógico, de trazer um tema para debate, ajudar na reflexão?

Chico: Sim, sim, acabam tendo. Este aqui "MUITOS NINGUÉM" é um filme sobre os órfãos do HIV, ainda acontece muito aqui, morre o pai e morre a mãe da criança, porque estão contaminados com o HIV-SIDA e sem tratamento adequado, e os filhos vão ser cuidados pelos avós, que já estão idosos, que precisavam descansar, mas têm, ainda, que cuidar daqueles netinhos. Sem ter mais os pais, porque morreram devido ao enfraquecimento do sistema imunológico, passam a depender dos avós, em geral, já sem força produtiva, o que vem aumentar o número de crianças desamparadas, com seu futuro ameaçado. Há milhares de crianças nessa situação. Este filme foi realizado para uma ONG (Help Age Internacional), que trabalha, justamente, apoiando esses idosos e essas idosas, um segmento bastante estigmatizado por um considerável segmento da sociedade, que são, justamente, os "muitos ninguém" do título do filme.

Este outro documentário - GESTÃO COMUNITÁRIA DAS FLORESTAS DE MECUBURI E MORIBANE - é um filme, como o título indica, sobre gestão comunitária em duas florestas aqui, em Moçambique. Também foi uma ONG que financiou a produção do filme.

Elsa: Você também faz filmes de ficção?

Chico: Sim, este aqui – LORENA - é um filme de ficção sobre costumes tradicionais, eu dirigi e fotografei o filme, mas o roteiro não foi feito por mim. Este filme foi premiado em Salvador, na Jornada Internacional de Cinema, coordenada pelo Guido Araújo. Ganhei o prêmio de melhor vídeo de ficção, em 2004.

Elsa: A sua trajetória é mais marcada pela realização de documentários...

Chico: Sim. É o que eu gosto de fazer. Este aqui é um documentário do ano passado sobre um projeto chinês de plantação de arroz, grande plantação intensiva de arroz aqui, na província de Gaza, chamado WANBAO – O FUTURO QUE NÃO TEREI. Wanbao é o nome da companhia chinesa que está à frente do projeto, e a frase "o futuro que não terei" foi dita por uma das personagens do filme, ao sintetizar, de forma bastante irônica, as promessas governamentais de um futuro melhor...

Elsa: Eu soube que este projeto está em crise.

Chico: Não sei, não sei como é que está agora. Neste filme entra muito a política governamental, o ex-presidente Guebuza foi muito ditador! O Guebuza criou aqui um sistema de controle total das instâncias de governo. Hoje, você vai entrevistar um administrador, um diretor dos Serviço Distritais de Atividades Econômicas, que é um órgão importante, e está espalhando em todo país para saber da atividade econômica do município, e a resposta é: "Ah, não posso falar sem autorização do chefe". É o medo espalhado, é uma coisa impressionante. Para fazer esse documentário, eu tenho a voz do investidor, que é empresa chinesa, tenho a voz dos reassentados, que são os moçambicanos que tiveram que sair da terra ou vão perder a terra por causa da plantação de arroz em grandes áreas, mas não tenho a voz de governo, porque o representante do governo, que toma conta dessa área, se negou falar para o filme.

Elsa: E este outro filme, que está nas suas mãos, de que trata?

Chico: Este aqui foi feito o ano passado chamado QUITUPO, HOYÉ!1 é um documentário bem interessante porque é sobre o empoderamento das comunidades que estão sendo reassentadas no norte do Moçambique, em Palma, por causa da exploração do gás. Foi descoberto o gás lá no Norte do país, na fronteira com a Tanzania, e já são duas empresas que operam para explorar este recurso natural, uma americana e uma italiana.

Elsa: Quais são estas empresas?

Chico: A americana é a ANADARKO e a italiana é a ENI. Estas duas empresas receberam do governo moçambicano o DUAT (Direito de Uso e Aproveitamento da Terra), um documento que, como o nome indica, dá o direito ao uso (na prática, a posse) da terra. Só que, nas áreas que foram cedidas para as empresas, tem comunidades vivendo. Isso não acontece só neste projeto, acontece aqui com todos os grandes projetos. O problema não é o empreendimento em si, o problema é a maneira como esses empreendimentos são gestados e como a população é tratada. No governo Guebuza foi complicado.

Elsa: a sua produção cinematográfica traz a problemática socioeconômica para as telas...

Chico: Sim, tenho tido oportunidades de poder trabalhar nestes temas, que juntam o interesse por fazer um cinema documental que foque as questões socioeconômicas...

Cadernos do CEAS, Salvador/Recife, n. 245, p. 688-704, set./dez., 2018 | ISSN 2447-861X

¹ Este filme foi exibido em Salvador em 25 de maio de 2018, durante a realização do Seminário Áfricα(s) em Perspectiva(s): conhecimento, interação e mudança, organizado pelo Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) e o Mestrado em Relações Internacionais/UFBa. Além do diretor, Chico Carneiro, estavam presentes a jurista Dra. Alda Salomão e Dr. Issufo Tankar membros do Centro Terra Viva, organização moçambicana que assessora os camponeses que vivem na área de exploração do gás e reivindicam seus direitos.

A ONG moçambicana para quem fiz o filme foi convidada pelo administrador do distrito de PALMA para dar um esclarecimento à população para que as pessoas soubessem um pouco mais dos seus direitos (sobre a terra). Mas o que parecia ser um ato de esclarecimento e de boa vontade do administrador para com a população do seu distrito, na verdade, não foi nada disso, porque o administrador depois ficou muito zangado com essa ONG, alegando que ela estava a colocar a população contra o Governo. Foi preparada uma guerra contra esta ONG, seus funcionários foram acusados de, pasme, fazerem reuniões com as comunidades sem "o conhecimento da administração", a diretora da ONG, que é uma respeitada jurista moçambicana, chegou a ser detida e levada para a esquadra (delegacia) de polícia, às 6 horas da manhã, para dar explicações sobre uns "panfletos" que sua ONG estaria disseminando que, eram, nada mais, nada menos, do que excertos da Lei de Terras moçambicana... Mas, no filme, você vê as pessoas falando com consciência que têm direitos, não é ninguém que veio de fora ensinar, embora a assessoria dessa ONG tenha ajudado membros da comunidade a saberem mais sobre seus direitos plasmados na Constituição e Lei de Terras. As pessoas sabem quanto vale um coqueiro, as pessoas sabem quanto vale um cajueiro, mas o Ministério da Agricultura chega lá e diz não, o coqueiro custa 1000 meticais, e é este preço estipulado pelo Ministério que a empresa investidora vai pagar. Mas o coqueiro rende, por ano, 5 a 10 mil meticais para o dono do coqueiro. Veja, é uma diferença grande! E o coqueiro dura quantos anos? O Ministério da Agricultura determinou que o coqueiro tinha que ser vendido a um mil! E isso é só a parte, digamos comercial, depois, tem toda a parte legal e este é que é o ponto central do documentário. Para fazer este documentário, eu acompanhei as consultas públicas feitas nas comunidades atingidas pelo projeto e, também, a consulta pública feita aqui, em Maputo, para a discussão do relatório do impacto ambiental. Esse problema ainda não está resolvido. Com o novo Presidente (Filipe Nyussi), e o novo Ministro das Terras, parece que eles perceberam que estavam dando um passo muito errado e travaram um pouco o processo de reassentamento para que as comunidades tenham os seus direitos adquiridos respeitados. Mas, como a gente sabe, a vida não é tão cartesiana assim. Falando de outra maneira, Palma, que é lá na fronteira com a Tanzania, extremo norte de Moçambique, era um lugarzinho que não tinha nada, era um lugar paradisíaco, uma vilazinha cheia de palmeiras, que eu conheci em 1983 quando chequei aqui, e, agora, você cheqa em Palma...

Elsa: Verdadeira aula de política....

Chico: em 2012, quando fui fazer o filme TERRA: AMANHÃ SERÁ TARDE! que é o filme que tem o caso da Vale, eu fui lá em Palma porque ouvi falar das mudanças. Em 2012, a estrada principal da vila era de terra batida; em 2014, já tinham três bancos operando lá, a estrada toda asfaltada, estavam construindo lodges de luxo. Eu assisti aquela derrota humilhante do Brasil num telão lá em Palma.

Elsa: Um gol atrás do outro...

Chico: Então, fazer o desenvolvimento traz tudo isso, ninguém está contra o desenvolvimento, mas contra a maneira como ele é feito, passando por cima das pessoas, da lei moçambicana, quer dizer, o próprio governo cria suas leis e, depois, passa por cima. A tese aqui, a defendida pela ONG, é a sequinte: por que temos que facilitar a vida dessas multinacionais para coisas que a gente não sabe o que vai acontecer no futuro? Então, vamos nos precaver agora, porque os recursos ainda estão lá, elas sempre vão embora depois que exploram os recursos. Onde tem recursos, as multinacionais vêm e não querem saber quanto custa, pagam o que for preciso para explorar. A exigência é de transparência: por que não se sabe o que o governo faz? Tudo é muito truncado. Este filme é um filme bem interessante, porque ele mostra essa disputa lá. A consulta pública é um instrumento...

Elsa: No Brasil também tem esse instrumento.

Chico: É um instrumento legal, mas, na verdade, é muito manipulado. Muitas vezes, a consulta pública é feita com meia dúzia de pessoas da comunidade, o régulo é o chefe político local. O régulo é o chefe tradicional, poder que passa de família para família. O régulo é o poder tradicional. Uma espécie de chefe de tribo tradicional.

Elsa: tradicional?

Chico: ... morre um e o que assume é o filho, não muda. Esses régulos são muitos poderosos...

Elsa: dentro de um município, por exemplo, pode ter vários régulos?

Chico: Pode, cada região tem um régulo. Por exemplo, aqui, em Maputo, tem o régulo de Maputo, tem o da Catembe, tem o régulo da... não sei de onde, embora aqui já esteja muito mais diluído porque já é uma cidade grande, mas, nas regiões mais distantes, o régulo é uma figura muito forte. A FRELIMO criou o chefe da localidade, que é uma figura política. Então, quando tem consulta pública, o régulo, que já é comprado pelo poder, comprado a preço de banana ou a preço de bebida alcoólica barata, se alinha com o poder do Governo. Além do régulo, tem o chefe da localidade e a consulta pública é feita, muitas vezes, com 10 representantes. Na verdade, a comunidade pouco participa do processo. Da consulta pública, a comunidade não fica nem com uma cópia daquilo que é assinado por eles, a ata. O governo fica com uma cópia da ata, a empresa fica com uma cópia, mas a comunidade não fica. Quando se pergunta onde é que está a ata da consulta pública, a resposta é "não temos, está lá na sede do governo", dali a seiscentos quilômetros de distância, muitas vezes. Quando eles vão fazer o blá, blá, blá, o governo diz: "os documentos estão todos aqui, qualquer pessoa da comunidade, se quiser, pode consultar".

Elsa: Tudo isso em nome da transparência, como se diz...

Chico: Transparência! As pessoas não têm dinheiro nem para comer, têm que pegar um ônibus, que não tem fácil também, e fazer uma viagem que dura uma semana para ir de Palma à sede do Ministério da Agricultura em Maputo, pedir a ata, e não vão mostrar! Organizações da sociedade civil, que têm mais força, para ter acesso a esses documentos tiveram que entrar na justiça para ter acesso as atas. Numa reunião dessa, que eu estava filmando, o representante do Ministério da Agricultura foi lá mostrar a suposta ata e um senhor da comunidade se levantou e disse: "eu nem sei assinar, como é que está a minha assinatura ai? "Aí, foi um xingamento total... é nesse nível. Não estou inventando nada, eu estava lá presente, vi e filmei. E está no filme.

Elsa: De tudo que você me disse, aqui, em Moçambique, não tem um mercado de terras, exatamente.

Chico: Legal não, legalmente não tem. Aqui a terra pertence ao Estado, não se vende, não se compra.

Elsa: Como é que uma empresa estrangeira que chega aqui consegue terra e licença para explorar recursos naturais?

Chico: Porque o governo dá. O governo pode dar uma terra. Ele pode, inclusive, tirar as pessoas do local, se o interesse é nacional. Isso está previsto na Constituição, até aí não é problema, o problema é quando as pessoas são tiradas de suas terras dessa maneira desastrosa, quando acham que as pessoas têm que sair a custo zero. O que eu quero te dizer é o seguinte: em Palma, em 2012, quando eu fui lá, provavelmente, a terra toda já estava tomada pelos grandes, sabiam, há muito tempo, que tinha gás, e um terreno em Palma custava nada. Quando digo você compra a propriedade em cima da terra, se eu quero comprar um terreno teu, e tem uma casa lá, eu compro a casa, aí a casa passa para mim, o direito do uso de terra é meu porque tenho uma casa lá. Hoje, você vai em Palma para comprar um terreno, custa 100 mil dólares porque aquilo ali vai ser o futuro de Moçambique, como dizem.

Elsa: As empresas, às quais você se referiu, já estão explorando gás?

Chico: Ainda não; no momento, elas estão no processo de implementação, o filme retrata isso. Nas diversas consulta públicas, eles mostraram a planta de uma fábrica (de liquefação do gás) da Indonésia, disseram que vão construir uma igual em Palma. "Não queremos ver plantas, não sabemos ler plantas", disse a população. Nós queremos saber é o tamanho da fábrica, onde é que começa, onde termina, onde é que vão os seus limites.

O governo pode dar o espaço, não tem problema, o problema é se tem gente vivendo lá dentro, dentro da área, e tem sempre, o país é populoso e sempre tem gente. Tem que fazer o processo de desapropriação, porque diz a constituição que os autóctones são os donos da terra em que habitam, é o *uso capião*, estão lá há muitos anos, gerações e gerações. A terra era deles. Então, para passar o DUAT (Direito de Uso e Aproveitamento da Terra – documento que confere ao seu titular a

propriedade sobre a área) para as companhias que querem explorar os recursos, eles tinham que, primeiro, retirar o DUAT da população e prover uma área para eles morarem, transferir a população, pagando as devidas compensações...

Então, o que aconteceu aqui é que eles já tiveram uma licença ambiental para implantar a fábrica, mas não está resolvido o problema do reassentamento. Foi feito um estudo de impacto ambiental, um calhamaço desse tamanho. Outra coisa, eles levam dois anos para fazer o estudo de impacto ambiental, e a avaliação pública é de duas horas, faz uma reunião de duas horas para as pessoas irem lá debater e aprovar o estudo. Isso é ridículo; se aqui, na cidade de Maputo (onde há cabeças mais formadas e informadas para poderem questionar os resultados indicados pelo estudo) já é ridículo, imagine em Palma!

Elsa: E em uma linguagem que a população não tem domínio.

Chico: Exatamente. Nem a população, nem nós! Quando a ONG foi lá para fazer este trabalho e eu acompanhei para fazer essa filmagem, o administrador do local disse "são pessoas que vêm de Maputo para meter coisas na cabeça da população aqui. Nós sempre cuidamos da população, quando tem calamidades vocês não vêm aqui cuidar da população". Linguagem toda venal, nada a ver com o que é realmente o problema. É uma coisa absurda! Para mim, que estou aqui desde 1983, quando este país tinha um projeto comum de vida, é uma coisa absurda! E são as mesmas pessoas... Guebuza é uma das figuras mais perigosa deste país porque só quer ganhar dinheiro, só usar os projetos para benefício pessoal.

Elsa: E este outro filme?

Chico: Este filme aqui, chamado TERRA, AMANHÃ SERÁ TARDE! é também um documentário que mostra um pouco os problemas da posse da terra pelo país inteiro. Não se detém, não se aprofunda em um local ou projeto, debate as diferentes questões de problemas de terra, incluindo os criados pelo reassentamento da Vale. Eu fui lá, em um dos reassentamentos que a Vale construiu, que se chama CATEME A Vale não me deu entrevista, eu tentei, pedi, fiz cartas com antecedência... A Vale é de uma arrogância! Chegamos a ser recebidos pela assessoria de comunicação da Vale, mas não autorizaram a filmar no interior da site de extração de carvão, nem a dar entrevistas; queriam nos dar um *press release*. Eu disse: eu não quero um *press release*, eu não estou escrevendo uma matéria, estou fazendo um filme. Eu quero filmar a Vale, quero entrevistar vocês, porque a população está dizendo isso, isso e isso, quero ouvir o outro lado, que é a base de qualquer trabalho. A resposta foi: "você pega a imagem lá, com a Cinevídeo em Maputo, a empresa que filma para a gente, eles te dão imagens". A Vale não abre a porta para falar claramente, para falar o ponto de vista da empresa. O reassentamento construído pela Vale é mais que desastroso, porque o conceito é sempre assim: a gente constrói uma

700

casinha de tijolo e você vai ter uma vida melhor porque você saiu de uma palhoça e vai para uma casa de tijolo.

Elsa: A população que vivia nas terras hoje ocupadas pela Vale já foi reassentada?

Chico: Sim, foram reassentados, já estão reassentados. Eu fui este ano lá, fui também em 2013 e em março de 2015, eu fui de novo para outro trabalho. O que acontece é que grande parte da população que foi para lá ganhou a casa, ficou com a casa, mas nem estão a viver lá, vão para a cidade. O reassentamento fica a 40 quilômetros da cidade de Tete, o que é mais desastroso ainda. Imagina você mora aqui e vai ser reassentado a 40 quilômetros!

Elsa: Longe de escola, de posto de saúde...

Chico: Escola e posto de saúde foram implantados também, mas longe do rio onde as pessoas tiravam o ganha pão, longe de outros familiares e da efervescência da cidade onde já estavam inseridos no contexto e dinâmica da sobrevivência. A sobrevivência ficou muito mais difícil, muitos vendiam amendoim na cidade... são sempre pessoas de muito baixa renda e dão apenas uma casa. Você já deve ter ouvido falar que o africano rural, a vida dele não é dentro de sua casa. Ele não senta assim dentro de casa para ficar conversando como estamos aqui. Ele faz isso debaixo da árvore, dorme no chão.

Elsa: No terreiro...

Chico: No terreiro, mas é um terreiro alargado que não tem fronteira...

Elsa: Como no Brasil rural?

Chico: Mas aqui, eu conheço o Brasil rural, aqui é muito mais forte e muito mais diluído, mais amplo esse jeito de vida. A utilização do espaço é outra. Às vezes, eu até fico incomodado quando vou fazer entrevista com uma pessoa lá na área rural e, de repente, aparece gente e entra no espaço onde estamos a fazer a entrevista, sem pertencer àquela família, e quer ouvir o que a pessoa está dizendo... Então, essa questão do espaço, como planejado pela empresa, de viver num quadradinho em que elas querem transformar o mundo das pessoas, não funciona muito bem. E, o que é mais fundamental, tirar as pessoas de onde tiram o seu sustento. Essa área (pra onde foram reassentadas) é zona de muita pedra, então, na área disponibilizada para fazer as machambas (as hortas de onde a população rural tira o seu alimento) não era fácil, nem sempre a terra era produtiva, alguns tiveram o acesso a toda a terra prometida, outros não tiveram, e aí houve uma negociação de compensação em dinheiro para compensar a terra perdida, e esse dinheiro era uma ninharia e, logo, as pessoas compraram uma motinha, um vídeo cassete, uma geladeira e acabou o dinheiro. Então, foi muito desastroso! Embora

701

a Vale diga que eles ganharam uma boa casa, estrada asfaltada, tem ônibus para levar para cidade

quando quiserem, tem escola, posto de saúde, esquadra de polícia, mas...

Elsa: Tirou a alma...

Chico: É, digamos assim, tirou a alma. E dá uma escola, não sei qual é a qualidade da escola, mas sei que o diretor da Vale Mundial veio a Moçambique e foi lá, nesse reassentamento de CATEME, e entrou lá, na escola, mas isso não está no meu filme, eu vi noutra imagem que uma televisão filmou porque, infelizmente, não tive acesso à cerimônia dessa visita. O diretor da Vale entrou lá na sala de aula com a esposa. Ela botou sua bolsa chiquérrima em cima da carteira do lado das crianças que os olhavam assustadas; nada contra a bolsa, mas tudo contra essa ostentação. Uma menina assustada, olhando para o diretor da Vale Mundial, que é o brasileiro Murilo Ferreira, lá ele falou assim (olhando para uma figura do caderno da menina), em português, sem perceber que a menina não falava português, mas sim, a língua local: é um leão não é? Você gosta de leões? A menina, assustada, só olhava pra aquele

senhor sentado ao seu lado na carteira escolar.

Elsa: Imagino...

Chico: Depois, ele vai dar uma entrevista para a televisão lá fora e fala assim: a preocupação da Vale é com as pessoas, nós amamos as pessoas, nosso interesse é gente! Lembrei, agora, do desastre de Mariana...

Elsa: As empresas multinacionais agem de forma igual em todo mundo.

Chico: Então, nesse filme tem a Vale, não, não tem a Vale, tem o reassentamento da Vale, que recebeu o nome de CATEME. Eu entrevistei cinco pessoas que falaram como a situação deles estava mal, mas não tem a contraparte, a fala da Vale, que se negou a dar entrevista para o filme. Quando fui editar o filme, eu não mostrei o rosto das pessoas, eu botei um plano grande mostrando um comboio da Vale passando, para não comprometer as pessoas.

Elsa: Claro.

Chico: Então, a minha experiência com a Vale é muito, muito ruim, não é pessoal, mas eu acho que é uma falta de respeito total com quem está fazendo um filme. Se não há nada a esconder, por que que não mostrar? É a mesma forma de agir em todo canto, são poderosas!

Elsa: Hoje tem o discurso da responsabilidade social da empresa, que se traduz no que você falou "a minha preocupação são as pessoas" e, depois, o que a gente vê é isso.

Chico: Essa preocupação social deles é forçada.

Elsa: É o marketing da empresa.

702

Chico: É. Eles não fazem isso por favor, eles fazem, em primeiro lugar, porque são obrigados. Em segundo lugar, o conceito deles de responsabilidade social é "eu te dei uma casa, te dei uma escola, dei uma ambulância..." É um discurso, é como o governo, quando inaugura um hospital. Para que gastar dinheiro com publicidade para inaugurar uma estrada que é obrigação de fazer? Tudo o que o governo faz é obrigação dele, não está fazendo favor para ninguém.

Elsa: qual é atividade econômica das pessoas que foram assentadas, elas vivem de que lá, elas plantam, têm terrenos para plantar, vivem de comércio?

Chico: Algumas tiveram, outras não, é assim. Essa pergunta também me chamou atenção porque eu fui no mercado lá e estavam todas as mulheres a vender tomate, te mostro as fotos, se quiser ver...

Elsa: Mas todas vendem tomate?

Chico: Não. Tinha outra que fazia pão, isso é interessante, vendem pão também. Na verdade, todas fazem a mesma coisa, não há diversificação, elas se dividem nas vendas: umas vendem nas segundas feiras, outras vendem nas terças, mas tudo é o pão, é uma atividade econômica pouco diversificada. A mulher vendia tomate. Mas vai comprar em Tete, na cidade (a 40 km), então, pega o ônibus (que a Vale disponibilizou), vai comprar; depois, volta e vai vender, não produz. E todas as pessoas estão vendendo a mesma coisa. O que me chamou atenção também, este ano quando voltei lá, foi ver o reassentamento muito vazio, as casas vazias porque as pessoas não querem viver lá nesse reassentamento, mas ganharam uma casa, ganharam um espaço que eles vão fazer negócio.

Elsa: Antes eles tinham uma terra, uma machamba?

Chico: eles tinham suas machambas antes, tinham suas casas, o que acontece é que é uma zona riquíssima de carvão, então, chegaram as grandes empresas para explorar o carvão. Não é só a Vale, são mais de 30 mineradoras.

Elsa: Empresas do mundo inteiro...

Chico: Do mundo inteiro, tem duas poderosíssimas que são Vale e a Rio Tinto. Tem outras menores, mas também de grande porte. Ouvi dizer, não posso afirmar, que até o aeroporto vai ser mudado de lugar porque, onde o aeroporto está, o subsolo é uma gigantesca área com carvão...

Elsa: É o aeroporto construído pela Odebrecht?

Chico: Não, não.

Elsa: Tudo isso por causa da exploração do carvão...

Chico: Outra coisa, também, que me chamou atenção agora em março, quando eu fui lá outra vez, é que o carvão está em baixa, o preço do carvão caiu muito. Como o preço do carvão caiu,

imediatamente, a Vale começou a despedir muita gente. Outro problema que observei é que a Vale e esses grandes empreendimentos trouxeram para Moçambique a inflação galopante dos preços de alugueis. Aqui, o preço dos alugueis subiu muito, quem vive aqui sabe o absurdo que é pagar aluguel...

Elsa: Aqui em Maputo?

Chico: Aqui em Maputo e no país inteiro, em todo lugar onde estão presentes os grandes investimentos. As pessoas ficaram milionárias, quem tinha acesso às casas, e geralmente são pessoas ligadas ao governo; alugam as casas a preços altíssimos e, depois, ficam vivendo só de benefícios, em dólares. Recentemente, isso começou a mudar, o mercado está um pouco se adequando à normalidade, um apartamento como esse aqui, você não alugava por menos de 3 mil dólares. Imagine!

Elsa: Três mil dólares no Brasil, hoje, seria em torno de 9 mil reais.

Chico: Doze mil reais é muito dinheiro! É muito dinheiro! Uma amiga brasileira, casada com um engenheiro da Vale, me contou que a empresa pagava para o dono do apartamento que eles moravam 6 mil dólares de aluguel. Seis mil dólares, que tal? É um novo mercado. Nas províncias mais distantes, o que fazem os moçambicanos? Alugam as suas casas e vão morar com as mães, às vezes vão morar no quintal. Muitas vezes, pegam uma garagem, fazem um puxadinho, e ficam morando ali. As cidades estão se enchendo de gente, mas sem infraestrutura suficiente.

Elsa: A cidade de Maputo, em algumas áreas, parece com um canteiro de obras, cheio de guindastes, muito prédios altos.

Chico: São duas coisas: uma, são pessoas que têm informações privilegiadas sobre o futuro de Moçambique e aí estão investindo forte, e outra, fala-se muito em lavagem de dinheiro proveniente da droga, branqueamento de dinheiro.

Elsa: A especulação é grande...

Chico: Eu não sei o que vai acontecer, já ouvi falar de prédios aí que não estão conseguindo vender porque a economia está caindo. O dólar chegou a 60 meticais. Há dois meses, estava por 30, 35 meticais. As empresas que vêm aqui, vêm para extrair a riqueza e ganhar dinheiro.

Elsa: voltando aos filmes...

Chico: Este aqui "VIOLENCIA DOMÉSTICA" é um documentário que eu fiz para uma ONG também, é sobre violência doméstica. Eu viajei pelo país inteiro filmando casos da violência, sobretudo às mulheres. No meu trabalho, vou de questões sociais mais amplas até os curandeiros. Eu gosto muito dessa diversidade.

Elsa: Muito obrigada, Chico.